

7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 30 de dezembro de 2025



	Últimos
18/dezembro	5,523
19/dezembro	5,529
22/dezembro	5,584
23/dezembro	5,531

Salário mínimo
R\$ 1.518

Euro
Comercial, venda na segunda-feira

R\$ 6,554

CDI
Ao ano
14,90%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,90%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)
Julho/2025 0,26
Agosto/2025 -0,11
Setembro/2025 0,48
Outubro/2025 0,09
Novembro/2025 0,18

REESTRUTURAÇÃO

Correios querem cortar R\$ 7,4 BI POR ANO

Programa prevê redução de gastos de R\$ 14,8 bilhões entre 2026 e 2027 e inclui a demissão de 15 mil pessoas

» VICTOR CORREIA

Em crise, o presidente dos Correios, Emmanoel Rondon, apresentou, ontem, o plano de recuperação que pretende levar a estatal de volta ao azul até 2027. Além de ações emergenciais, como o empréstimo biliário contratado na semana passada com grandes bancos, a companhia vai demitir, de forma voluntária, até 15 mil funcionários, fechar 1.000 agências e alienar imóveis ociosos, na expectativa de reduzir gastos em R\$ 7,4 bilhões por ano, entre 2026 e 2027.

Conforme dados do balanço da estatal apresentado no fim de novembro, os Correios acumularam deficit de R\$ 6 bilhões, em 2025, completando 13 trimestres seguidos de prejuízos. Desde o quarto trimestre de 2022, no final do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), a empresa não fecha no azul e, atualmente, é a estatal federal mais deficitária.

Em entrevista a jornalistas, Rondon, detalhou as três fases do Plano de Reestruturação da estatal até 2027. A conversa foi convocada após a aprovação, na sexta-feira passada, da captação de R\$ 12 bilhões em crédito contratado com cinco bancos: Caixa Econômica Federal, Bradesco e Banco do Brasil, com R\$ 3 bilhões cada; e Santander e Itaú Unibanco, com R\$ 1,5 bilhão cada. O Tesouro Nacional é o avalista da operação e, portanto, arcará com as parcelas se os Correios não conseguirem pagar o empréstimo.

A medida é considerada essencial para o início da recuperação da companhia, embora ainda faltam outros R\$ 8 bilhões para totalizar os R\$ 20 bilhões necessários para a empresa se recuperar, mas esse montante pode ser captado no próximo ano. A estatal ainda avalia como obter o valor restante, se por novos empréstimos de instituições financeiras ou por aporte direto do Tesouro.

"Isso vai permitir a adimplência

da gente nos contratos que temos com fornecedores, com os benefícios de empregados e tributos, e recuperar a qualidade da operação. Criamos um grupo de trabalho, na última semana, para focar na recuperação da qualidade", comentou Rondon. Ele disse que as primeiras ações, emergenciais, visam evitar um prejuízo ainda maior no próximo ano. "Se nenhuma correção for feita para quebrar esse ciclo aqui, o resultado negativo fica potencializado, podendo chegar a R\$ 26 bilhões em 2026. Por isso, a correção de rota precisa ser feita de forma rápida," afirmou. Mesmo com o plano, a expectativa é que o próximo ano tenha uma "leve piora" em relação a 2025, e que o lucro volte a partir de 2027.

A primeira fase, que objetiva recuperar a liquidez do caixa e melhorar a operação, segue até março. Em seguida, entre 2026 e 2027, a fase 2 representa uma reorganização da empresa, prevendo reduzir em até R\$ 7,4 bilhões os gastos anuais. Uma das principais medidas será o Programa de Demissão Voluntária (PDV), que começa em janeiro, e prevê o desligamento de 10 mil funcionários em 2026 e outros 5 mil em 2027.

O número representa cerca de 17% do quadro de empregados, que gira em torno de 86 mil atualmente. A medida deve economizar R\$ 2,1 bilhões por ano. A companhia vai rever, ainda, seus planos de saúde e de previdência privada.

Essa etapa inclui ainda a venda de imóveis ociosos, com captação estimada em R\$ 1,5 bilhão, em 2026, e o fechamento de cerca de 1.000 das mais de 5 mil unidades dos Correios, economizando R\$ 2,1 bilhões por ano. Rondon garantiu que a mudança não vai afetar a universalização do atendimento. Por lei, os Correios devem garantir que os serviços postais básicos, como o envio de cartas e encomendas, sejam acessados por quaisquer cidadãos, em qualquer área do território brasileiro, inclusive,

Plano de três fases

A diretoria dos Correios apresentaram o programa de reestruturação da estatal para justificar o empréstimo de R\$ 12 bilhões captado junto a cinco bancos públicos e privados com o aval do Tesouro Nacional



FASE 1 — Recuperação do caixa (até março de 2026)

- Captação de **R\$ 12 bilhões** em empréstimos, fechado na sexta-feira passada com grandes bancos
- Criação de um Grupo de Trabalho para recuperar a qualidade da operação
- Confiança de clientes e fornecedores

FASE 2 — Reorganização e modernização (2026 e 2027), com impacto anual estimado em R\$ 7,4 bilhões

- Programa de Demissão Voluntária (PDV) para 10 mil funcionários, em 2026; e 5 mil, em 2027, com impacto de **R\$ 2,1 bilhões por ano**
- Revisão de cargos de média e alta remuneração
- Revisão dos planos de Saúde e de Previdência
- Parcerias com o mercado estão sendo aceleradas, 11 no total, que podem ser implementadas em 2026, para gerar impacto de **R\$ 1,7 bilhões**
- Alienação de imóveis, que deve gerar **R\$ 1,5 bilhão para 2026**
- Redesenho da rede de operações: otimização da malha logística, fechamento de cerca de 1 mil das 5 mil unidades dos Correios, com economia de **R\$ 2,1 bi anuais**. Mudança não deve afetar a universalização do serviço, segundo a empresa

FASE 3 — Sustentabilidade no médio e longo prazo

- Contratação de consultoria externa para avaliar novos modelos societários
- Empresa descarta privatização do momento, mas estuda modelos de parceria com o setor privado.

Fonte: Correios

estudos que casem com a realidade da empresa no contexto que a gente está, para enxergar qual o modelo seguir. Mas a gente está bem aberto, não tem nenhuma definição ainda," acrescentou.

Crise prolongada

Segundo Rondon, os Correios enfrentam uma crise iniciada ainda em 2016, ano em que as receitas por encomendas — especialmente por compras on-line — superaram as receitas com cartas. Desde então, a estatal enfrenta dificuldades para ajustar as contas, e passou a competir com gigantes do setor privado, como a Amazon e, mais recentemente, Shopee e AliExpress, bem como outras empresas do setor de logística. "É uma dinâmica de mercado que ocorreu no mundo todo, e algumas empresas de correios conseguiram se adaptar. Mas várias ainda apresentam prejuízos. Um exemplo é a empresa norte-americana de correios, a USPS (serviço postal dos Estados Unidos, na sigla em inglês) que está reportando prejuízo da ordem de US\$ 9 bilhões", disse.

Além do mercado desafiador, a crise recente, iniciada no fim de 2022, também é causada por outros fatores. Por exemplo, um aumento com os gastos com pessoal, causados por reajustes salariais. Dois terços dos R\$ 23 bilhões em despesas fixas da companhia são direcionados aos funcionários. Houve ainda uma queda nas receitas, impactadas, por exemplo, pela "taxa das blusinhas" do atual governo.

Amesma medida que taxou compras internacionais de até US\$ 50, em agosto de 2024, também permitiu que outras empresas passassem a importar esses produtos, o que era exclusividade dos Correios. A empresa estima perda de R\$ 2,2 bilhões com a mudança. Houve ainda um salto no gasto com precatórios — dívidas judiciais — de R\$ 485 milhões em 2022 para R\$ 1,58 bilhão em 2025 (apenas até junho).

MERCADO FINANCEIRO

Dólar sobe e fica perto de R\$ 5,60; Bolsa cai 0,25%

O dólar abriu a última semana do ano em forte alta sobre o real e voltou a se aproximar do nível de R\$ 5,60 nos picos da sessão. Além do dia negativo para moedas emergentes, em especial latino-americana, o real sofreu com a demanda sazonal por moeda americana para remessas de lucros e dividendos ao exterior em ambiente de liquidez reduzida. Embora sem impacto direto na formação da taxa de câmbio, operadores citaram desconforto com o imbróglio jurídico envolvendo a liquidação do Banco Master pelo Banco Central.

Com máxima de R\$ 5,585, o dólar à vista encerrou o pregão de ontem com alta de 0,44%, a cotado a R\$ 5,569. A moeda norte-americana acumula valorização de 4,39% em dezembro, atribuída à combinação de sazonalidade desfavorável com aumento dos prêmios de risco após o anúncio, no início do mês, da pré-candidatura do

senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ao Palácio do Planalto. "Não vimos notícias, hoje, que pudesse mexer com o câmbio. O aumento das remessas ao exterior em meio à liquidez mais reduzida trouxe volatilidade e acabou puxando o dólar para cima," afirmou o especialista Ian Lopes, da Valor Investimentos.

Operadores ressaltam que o dólar futuro para janeiro se manteve em boa parte do pregão abaixo do nível do dólar à vista, algo pouco usual e que indica demanda mais forte por moeda no segmento spot para remessas ao exterior. Investidores também já rolaram posições no mercado futuro e se preparam para a disputa pela definição da última taxa Ptax de dezembro, que vai ser utilizada para liquidação de contratos derivativos e fechamento de balanços corporativos. "Vimos em alguns momentos o casado negativo, com o dólar futuro em valor menor do que o spot. É algo muito comum

no fim do ano, com saída de recursos para distribuição de lucros e dividendos", disse o chefe da mesa de câmbio e internacional da Mirae Asset Brasil, Jonathan Joo Lee. Para ele, apesar da sazonalidade negativa do fluxo, a depreciação do real está mais ligada ao movimento global de valorização da moeda americana, com investidores reduzindo exposição a ativos mais arriscados na véspera da virada do ano, quando os mercados estarão fechados.

Termômetro do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis moedas fortes, o índice DXY operou em leve alta ao longo do dia, acima dos 98 mil pontos, mas rondava a estabilidade no fim da tarde. Já o iene ganhou força após sinais de mais aperto monetário pelo Banco do Japão (BoJ), que no último dia 19 elevou a taxa básica em 25 pontos-base, para 0,75%, o maior nível em 30 anos.

A valorização do iene pode ter desencadeado ajuste em operações de carry trade com moedas de países de juros altos, o que ajudaria a explicar o desempenho negativo das divisas latinas em dia de ganhos firmes do petróleo e do minério de ferro. Peso chileno e colombiano amargaram as piores perdas, com recuos entre 0,90% e 1% em relação ao dólar.

Após duas sessões em alta, o Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), fez uma pausa para ajuste, mas sustentando os 160 mil pontos pelo terceiro fechamento consecutivo. No fim do pregão, registrou queda de 0,25%, para 160.490 pontos, com giro financeiro de R\$ 16,3 bilhões. No ano, a B3 acumula ganho de 33,43%, a caminho do melhor desempenho desde 2016 (+38,9%), há nove anos. Em dezembro, sobe 0,89%. (Agencia Estado)

Valter Campanato/Agência Brasil



Divisa norte-americana fecha o dia com alta de 0,44%, cotada a R\$ 5,569